

Análise semiótica: campanha publicitária do Ministério da Saúde no combate à dengue

Ricardo Santos David

Doutor em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias - Uniatlântico.
Pesquisador Centro Estudos da Língua(gem). Florida Christian University, FCU, Estados Unidos.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar um cartaz do Programa Nacional de Combate à Dengue do Ministério da Saúde do Governo Federal Brasileiro, sob a perspectiva da Teoria Semiótica Francesa. Na Semiótica Discursiva, a produção e a interpretação do sentido são simuladas como um percurso dotado de três estratos de significação diferentes. No percurso da interpretação, parte-se da manifestação (isto é, do modo como uma dada substância realiza certo conteúdo) para chegar-se ao primeiro nível de organização do sentido: o nível discursivo. Em seguida, simplificando e abstraindo o discurso por um processo de “enxugamento” gradativo do sentido, em que algumas propriedades semânticas são desprezadas em proveito de outras, consideradas mais gerais, atinge-se o nível narrativo. Insistindo neste processo de abstração e simplificação do sentido, chega-se ao nível fundamental, onde se encontram as estruturas elementares de significação. Assim procedendo, obtém-se um conjunto de categorias semânticas que estruturam o sentido de um dado texto em seus diferentes patamares de organização.

Palavras-chave: Semiótica Francesa, efeitos de sentido, gênero publicitário, dengue.

Semyotic analysis: brazilian Ministry of health's advertising campaign to fight dengue fever

Abstract: The present study aims to analyze a poster of the Brazilian Government's Ministry of Health's National Program to Fight Dengue Fever, from a perspective of the French Semiotic Theory. Discursive Semiotics, the production and interpretation of meaning are simulated as a course endowed with three different segments of meaning. In the course of interpretation, one begins with the manifestation (that is, the way a given substance accomplishes a certain content) in order to arrive at the first level of organization of meaning: the discursive level. Then, by simplifying and abstracting discourse through a process of gradual "downsizing" of meaning, in which some semantic properties are neglected for the benefit of others, considered more general, one reaches the narrative level. Insisting on this process of abstraction and simplification of meaning, one arrives at the fundamental level, where the elementary structures of signification are found. Thus, we obtain a set of semantic categories that structure the meaning of a given text in its different levels of organization.

Keywords: French Semiotics, health, publicity genre, dengue fever.

1. INTRODUÇÃO

O artigo pretende dar a conhecer um dos passos fundamentais de análise em teorias discursivas, através da semiótica francesa ou greimasiana com o objetivo de descrever o percurso gerativo de sentido em seus níveis fundamental, narrativo e

discursivo, investigando um cartaz publicitário do Programa Nacional de Combate à Dengue (Figura 1) extraído do site do Ministério da Saúde do Governo Federal Brasileiro, visando explicitar algumas características do gênero cartaz publicitário tal como é produzido por órgão governamental.

Como limitação, este trabalho busca explicitar os efeitos de sentido. Explica os efeitos de sentido do texto em análise examinando somente os mecanismos e procedimentos do seu plano de conteúdo. Por questões de recorte, o artigo não trata de desenvolvimentos posteriores do campo do saber da semiótica, tais como a semiótica das paixões, a semiótica tensiva, etc. – questões as quais ficam como proposta de estudo aos semanticistas e pesquisadores da área. Com esta pesquisa, pretendo lançar um “olhar científico” sobre o objeto de estudo selecionado que propicie um debate acerca dos conceitos que são abordados, além de criar um espaço onde sejam possíveis a reflexão e a negociação de ideias no que tange ao gênero em foco.

2. CULTURA E MÍDIAS SOCIAIS

As frequentes e contínuas mudanças trazidas pela globalização bem como as tecnologias da comunicação destroem as barreiras do tempo e do espaço, gerando mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais que causam profundas transformações no cenário mundial, demandando que as nações e as instituições em geral, sejam elas públicas ou privadas, repensem seus paradigmas e se “reconstruam” para além do seu ambiente imediato. Entretanto, este mundo dito (e para alguns tido como) “globalizado” está muito longe de ser um mundo de inclusão; ao contrário, é um mundo estruturado na desigualdade social, onde os processos comunicativos ocorrem de formas e velocidades diversificadas nas mais variadas comunidades discursivas, onde a língua reflete e (re)constrói a todo instante essa desigualdade. Há um enorme abismo entre aqueles que controlam os veículos de comunicação e aqueles que não têm nem acesso a eles.

A Semiótica Discursiva se interessa não mais pelo signo de Saussure (significante + significado), mas pela significação. Preocupada com “a arquitetura textual que produz o sentido” (FIORIN, 2008: 122), a Semiótica não tem como objeto de estudo palavras soltas ou mesmo frases, já que “se preocupa com a organização

global do texto; examina as relações entre a enunciação e o discurso enunciado e entre o discurso enunciado e os fatores sócio-históricos que o constroem” (BARROS, 2003: 187).

Para Greimas (1971), este estudo da significação deve atender a condições específicas:

1. ser sintagmático: não há interesse nas unidades lexicais, mas sim nos procedimentos linguísticos que produzem os efeitos de sentido e possibilitam a interpretação do discurso;
2. ser gerativo: há um percurso que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto, para se obter significação;
3. ser geral: deve haver uma unicidade do sentido que pode se expressar por diferentes planos da expressão.

3. ANÁLISE DO CARTAZ DO PROGRAMA NACIONAL DE COMBATE À DENGUE: PERCURSO GERATIVO E EFEITOS DE SENTIDOS

A Semiótica, para entender e descrever o “percurso gerativo dos sentidos” de um texto, compreendendo que, na organicidade textual, há unidades linguísticas variantes e invariantes, opera inicialmente examinando as regularidades e, a partir dessas, analisa a construção das especificidades, em um movimento inicial de grande abstração, caminhando cada vez mais para o concreto:

A Semiótica previu três níveis de concretização no percurso gerativo do sentido: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada um deles é invariante em relação ao seguinte, que é variável. Todos eles têm uma sintaxe, que é a maneira de organizar os conteúdos, e uma semântica, que são os investimentos de sentidos estruturados pela sintaxe. O plano do conteúdo [do qual trata este artigo], gerado neste percurso, manifesta-se por um plano de expressão: essa unidade de manifestação é o texto. (FIORIN, 2008, p. 127-128)

3.1. NÍVEL FUNDAMENTAL

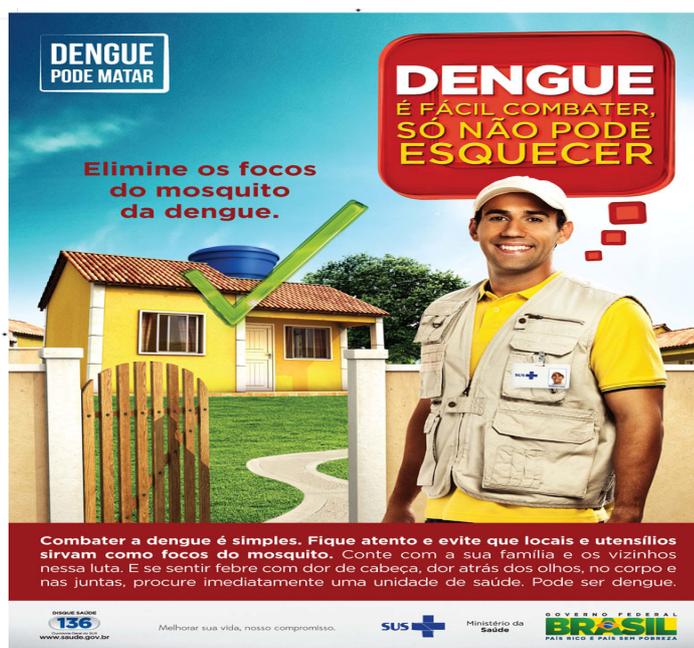


Figura 1: cartaz publicitário do Programa Nacional de Combate à Dengue.

Fonte: Ministério da Saúde.

Na primeira etapa do percurso gerativo de sentido, o nível mais simples e abstrato, a significação apresenta-se como uma categoria ou oposição semântica. Neste nível das estruturas fundamentais, os sentidos do texto são representados por esta oposição semântica, cujos termos são:

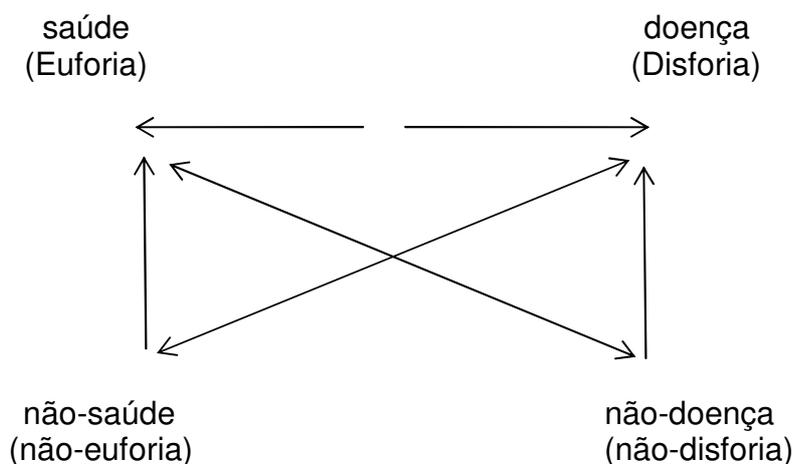
1. determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos; 2. negados ou afirmados por operações de uma sintaxe elementar; 3. representados e visualizados por meio de um modelo lógico de relações denominado quadrado semiótico. (BARROS, 2003, p. 189)

O quadrado semiótico consiste na representação visual da articulação lógica de qualquer categoria semântica. Partindo da noção saussureana de que o significado é primeiramente obtido por oposição ao menos entre dois termos, o que constitui uma estrutura binária (Jakobson), chega-se ao quadrado semiótico por uma combinatória das relações de contradição e asserção. Falar em semiótica greimasiana e não falar do quadrado quase chega à heresia. Não que a semiótica se restrinja a ele – muito pelo contrário, a semiótica, pode-se dizer, “superou” o quadrado semiótico há muito tempo. Essa, por assim dizer, “superação” veio na forma de exploração do quadrado em níveis, e mesmo em lógicas, totalmente diferentes da original. Pode-se usar o quadrado para analisar temas e figuras, paixões, sujeitos, tipos de manipulação e até relacionando não um, mas dois

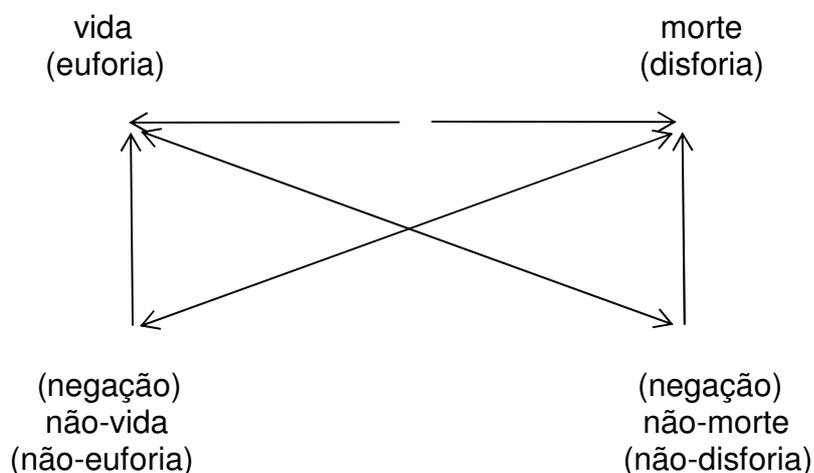
campos semânticos, como é o caso do quadrado da veridicção. Se, por um lado, esse uso extrapolado do quadrado semiótico colocou-o em xeque em muitos contextos, por outro lado também permitiu que a teoria explorasse a ideia original do quadrado sem deturpar sua operacionalidade, de modo a indexar todas as relações diferenciais que determinam o nível fundamental do percurso gerativo dos sentidos.

O cartaz analisado neste artigo pertence ao Programa Nacional de Combate à Dengue. Segundo o Ministério da Saúde (2015), a dengue é “um dos principais problemas de saúde pública no mundo, especialmente em países tropicais como o Brasil, onde as condições do meio ambiente, aliadas a características urbanas, favorecem o desenvolvimento e a proliferação do mosquito transmissor”.

A princípio, a superfície do cartaz do Programa Nacional de Combate à Dengue parece apontar para um quadrado semiótico onde se opõem os termos /saúde/ vs /doença/ (termos contrários) e seus contraditórios (não-saúde vs não-doença):



Entretanto, o discurso desenvolve-se com manifestações textuais variadas (tais como: “dengue”, “dengue mata”, “contra a dengue”, www.combatadengue etc.) que nos possibilitam alcançar a oposição semântica de maior abstração /vida/ vs /morte/ (termos contrários), os quais, articulados com seus contraditórios (respectivamente /não-vida/ e /não-morte/), configuram o quadrado semiótico que segue:



É importante constituir o primeiro quadrado semiótico para que fique visível que o termo /saúde/ está intrinsecamente, neste contexto, ligado ao termo /vida/ de modo quase que inseparável. Assim, no cartaz em questão, o termo /vida/ é euforizado, uma vez que o sujeito deve lutar pela saúde, enquanto o termo /morte/ é tido como disfórico (não-atraente). Cabe aqui observar ainda que não se trata de um texto euforizante. Há uma ameaça de ir da euforia para a disforia (saúde, não-saúde, doença) caso o sujeito não “lute” pelo objeto valor saúde.

3.2. NÍVEL NARRATIVO

No cartaz, saúde é o objeto valor com o qual o sujeito deverá manter sua relação (uma relação de conjunção), sendo essa situação uma relação desejável, ou seja, modalizada pelo *querer*.

3.3. PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

No percurso da manipulação, um destinador propõe um contrato a um destinatário e procura persuadi-lo, com diferentes estratégias, a aceitar o contrato de fazer o que ele, destinador, quer que o outro faça. O destinatário, por sua vez,

interpreta a persuasão do destinador; nele acredita ou não e aceita ou não o acordo proposto. (BARROS, 2003: 191).

Destinador ----- Destinatário
contrato fiduciário

No cartaz do Programa Nacional de Combate à Dengue, o destinador Governo Federal Brasileiro propõe ao destinatário cidadão brasileiro o acordo de lutar contra a dengue. Podemos construir, a partir dessas informações, o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1- Análise realizada.

	Cartaz de Combate à Dengue
Destinador	Governo Federal Brasileiro
Destinatário	Cidadão brasileiro
Contrato Fiduciário	Lutar contra (mosquito d) a dengue

No texto analisado, o Governo Federal Brasileiro, no seu papel de destinador, manipula o cidadão brasileiro para que lute contra seu inimigo, o mosquito da dengue. Para isso, ele vai estabelecer uma relação de comunicação (ou de manipulação) com o destinatário cidadão brasileiro. Vai procurar intimidá-lo a aderir à luta, senão um ou mais de seus objetos de valor poderão ser perdidos (saúde e, conseqüentemente, vida). A estratégia usada para persuasão, aqui, é a intimidação, pois o destinador apresenta valores que o destinatário teme e quer evitar (doença e morte). Desse modo, o destinatário, para não receber os valores indesejados, vê-se obrigado a aceitar o contrato fiduciário proposto pelo destinador.

Mas a manipulação vai além da aceitação do contrato proposto. O destinador deve, ainda, transformar a competência do destinatário, ou seja, o destinador deve

não somente levá-lo a um dever fazer (dever lutar contra a dengue), mas também a um saber fazer (saber lutar contra a dengue).

3.4. PERCURSO DA AÇÃO

Uma vez que o destinatário interpreta a persuasão do destinador, acredita nele e aceita o contrato fiduciário proposto, o destinador passa a ser o destinador-manipulador, enquanto o destinatário passa a ser o sujeito da ação que irá realizar a ação acordada e agirá sobre os objetos e valores. Observe-se o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2- Percurso da ação.

	Cartaz de Combate à Dengue
Destinador-manipulador	Governo Federal Brasileiro
Contrato Fiduciário	Lutar contra a dengue
Sujeito da Ação	Cidadão brasileiro
Objeto Valor	Saúde/vida
Antissujeito	Mosquito da dengue

Barros (2003) nos diz que:

Quando um sujeito ganha ou adquire um valor, outro sujeito doa esse valor ou é dele privado. A consequência disso é que a narrativa se desdobra e se redefina como a história de dois sujeitos interessados nos mesmos valores e em busca desses valores desejados. Os percursos destes dois sujeitos se encontram, portanto, e interferem um no outro. (BARROS, 2003, p. 191)

O sujeito manipulador, o governo, é instituído de autoridade que o credencia a propor o contrato, é ele que tem essa competência. O cidadão manipulado aceita a autoridade do outro e acata a ação proposta: prevenir a ação do mosquito da dengue em troca da continuidade de seu estado saudável. O programa narrativo de performance é entendido como uma transformação de um estado de disjunção em um estado de conjunção que vai ser realizada pelo sujeito transformador.

O enunciado de transformação está pressuposto: o sujeito cidadão brasileiro entra em conjunção com o objeto “luta contra o mosquito da dengue”. Vale mencionar que estas performances são motivadas por ações do antissujeito mosquito da dengue que tenta transformar a relação de conjunção do sujeito cidadão brasileiro com o objeto saúde em uma relação de disjunção (“se apropriando de sua saúde”).

3.5. PERCURSO DA SANÇÃO

Nesta etapa, o destinador dará ou não o reconhecimento pelo cumprimento (ou não) do acordo fiduciário pelo destinatário, podendo premiá-lo (sanção positiva) ou puni-lo (sanção negativa) de acordo com seu julgamento. No cartaz utilizado como exemplo, esta fase só pode ser pressuposta: uma vez que o cidadão brasileiro lute contra o mosquito da dengue, terá o reconhecimento do Governo Federal Brasileiro e poderá, assim, manter sua saúde.

3.6. NÍVEL DISCURSIVO

No nível discursivo, a terceira etapa do percurso gerativo de sentido, a organização narrativa torna-se discurso, ou seja, ela será temporalizada, especializada e actorializada. Segundo Barros,

As ações e os estados narrativos são localizados e programados temporalmente e espacialmente, e os actantes narrativos são

investidos pela categoria de pessoa. Além disso, os valores do nível narrativo são disseminados no discurso, de modo abstrato, sob a forma de percursos temáticos, que, por sua vez, podem ser investidos e concretizados em figuras (BARROS, 2003, p. 193)

No cartaz, usa-se o presente e o imperativo para produzir efeitos de atemporalidade, criando um efeito de sentido de verdade geral e atemporal (“mobilize”).

Na espacialização, mantém-se o efeito de indefinição e amplitude, já que o espaço é figurativizado e não há recursos gramaticais de instalação do mesmo. Em relação à categoria de pessoa, no cartaz da dengue, dois procedimentos foram empregados: projetou-se o discurso em terceira pessoa (“Brasil unido contra a dengue”) para obter-se o efeito de generalização (ou seja, o Brasil, compreendido como todos os cidadãos brasileiros, unido contra o inimigo em comum) e projetou-se o discurso com pronomes (“sua” e “seus”).

Há, portanto, uma abertura (todos os brasileiros) e um fechamento, com uso de classes gramaticais que instalam o interlocutor no enunciado (“mobilize”, “Sua família”, “seus vizinhos” etc.).

O cartaz é um texto temático-figurativo que se desenvolve em mais de uma linha temática com a concretização dos temas por meio de figuras:

- a) tema da saúde, sob forma de prevenção de doença (no caso da dengue);
- b) tema da doença, caracterizado por figuras como “febre alta”, “dor de cabeça”, “dor atrás dos olhos, no corpo e nas juntas”;
- c) tema de guerra, caracterizado por figuras como “unidos contra”, “luta”, “mata”;
- d) tema da cidadania, caracterizado pelo despertar do envolvimento de todos do país Brasil na mesma luta e marcado em figuras como “mobilize”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o enunciador Governo Brasileiro quer “alcançar” não um indivíduo, mas uma “individualidade representativa da nação brasileira”, formada por uma pluralidade de culturas que coexistem dentro desta nação denominada Brasil. Logo, posso depreender que: (i) as campanhas governamentais podem ter caráter informativo e pronunciar-se a respeito de temas de relevância social, educando o

público em relação a uma conduta; (ii) as campanhas governamentais integram, pois agem no interesse de “todos”, buscando o desenvolvimento nacional e apelando para as ideias de nacionalidade com o objetivo de incutir, no enunciário-alvo, uma sensação de pertencimento à nação Brasil, desenvolvendo, assim, o espírito cívico; (iii) tais campanhas, planejadas estrategicamente, procuram, ainda, persuadir, despertando a cooperação para com a administração pública, buscando apoio público ao seu ponto de vista e aos seus interesses.

Essa análise, que particulariza um cartaz, aponta para alguns elementos que caracterizam o gênero cartaz. Considerando-se os elementos composição, estilo e temática, conforme Fiorin (2006), que constituem um gênero, a observação de uma série de cartazes da mesma campanha permite identificar:

- na temática: o tratamento de assuntos de interesse público: prevenção de doenças, vacinação, etc.;
- na composição: uso de frases curtas, verbos no imperativo, etc.;
- no estilo: estilo direto, contundente, econômico.

Se tais elementos servem à caracterização do gênero, é importante ressaltar, para concluir, que as diferentes esferas de circulação determinam discursos específicos. No caso analisado, o discurso institucional confere ao cartaz sua função particular de “cuidar”, “proteger”, “zelar” pela saúde pública.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1994. p. 13-42.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 187-219.
- BERNAYS, Edward L. *Public Relations*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1952.
- BRASIL. *Ministério da Saúde. Ações e Programas*. Disponível em <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/acoes-e-programas>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

FIORIN, J. L. A semiótica discursiva. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 121-144.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.